

## A INTERPRETAÇÃO DOS PAPÉIS DO HOMEM E DA MULHER NA COSMOVISÃO COMPLEMENTARISTA E IGUALITARISTA

Hellen Gabriele Batista Maia<sup>1</sup>

Samuel Marques Campos<sup>2</sup>

Vanessa Costa Alves Galúcio<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa a interpretação dos papéis do homem e da mulher a partir de duas perspectivas teológicas amplamente debatidas no contexto cristão contemporâneo: a cosmovisão complementarista e a igualitarista. O problema central da pesquisa consiste em investigar se existem fundamentos bíblicos claros e consistentes que justifiquem o pastorado feminino. Parte-se da hipótese de que algumas interpretações e aplicações de textos bíblicos usados para sustentar a ordenação feminina podem estar sendo realizadas de modo inadequado ou descontextualizado. O objetivo geral é examinar a fundamentação bíblica relacionada ao tema, considerando os principais argumentos teológicos e hermenêuticos envolvidos. Como objetivos específicos, busca-se: analisar as propostas complementarista e igualitarista acerca dos papéis de homens e mulheres na liderança eclesiástica; investigar influências contemporâneas, especialmente do movimento feminista, sobre a teologia atual; e avaliar os textos bíblicos mais frequentemente utilizados na defesa do pastorado feminino. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com análise de obras teológicas, comentários bíblicos, léxicos e artigos acadêmicos. Conclui-se que o debate exige rigor exegético, atenção ao contexto canônico e cuidado hermenêutico, uma vez que a discussão ultrapassa questões meramente socioculturais e alcança elementos centrais da antropologia e da eclesiologia bíblicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Complementarismo; Igualitarismo; Pastorado Feminino; Teologia Bíblica; Hermenêutica.

**ABSTRACT:** This article analyzes the interpretation of male and female roles from two widely debated theological perspectives in the contemporary Christian context: the complementarian and egalitarian worldviews. The central research problem involves investigating whether clear and consistent biblical foundations exist to justify women in the pastorate. The hypothesis is that some interpretations and applications of biblical texts used to support female ordination may be handled inappropriately or out of context. The general objective is to examine the biblical basis of the topic, considering the main theological and hermeneutical arguments involved. Specific objectives seek to: analyze complementarian and egalitarian proposals regarding the roles of men and women in ecclesiastical leadership; investigate contemporary influences, especially from the feminist movement, on current theology; and evaluate the biblical texts most frequently used to defend women's ordination. The methodology used is qualitative bibliographic research, analyzing

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Equatorial (FABAE). E-mail: [hellenbatista023@gmail.com](mailto:hellenbatista023@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia da Religião (PPGSA-UFPA), Mestre em Ciências da Religião (PPGCR-UEPA). Docente acadêmico, coordenador de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Batista Equatorial (FABAE). E-mail: [samuel.campos@seminarioequatorial.com.br](mailto:samuel.campos@seminarioequatorial.com.br).

<sup>3</sup> Doutora em Biotecnologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com pós-doutorado pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). É diretora da Faculdade Batista Equatorial (FABAE). E-mail: [vanessa.galucio@seminarioequatorial.com.br](mailto:vanessa.galucio@seminarioequatorial.com.br).

theological works, biblical commentaries, lexicons, and academic articles. It concludes that the debate demands exegetical rigor, attention to the canonical context, and hermeneutical care, as the discussion transcends merely sociocultural issues and reaches central elements of biblical anthropology and ecclesiology

**KEYWORDS:** Complementarianism; Egalitarianism; Female pastorate; Biblical theology; Hermeneutics.

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre os papéis do homem e da mulher tem recebido crescente atenção nas últimas décadas, especialmente no que se refere à igualdade de direitos, funções, responsabilidades e autoridade em diferentes esferas da vida social e religiosa. No debate contemporâneo, algumas lideranças cristãs afirmam que as mulheres possuem plena legitimidade para o exercício da liderança eclesiástica, inclusive no ministério pastoral. Tal posicionamento desafia tradições anteriormente consolidadas e evidencia a influência das mudanças sociais nas práticas e crenças de comunidades cristãs.

Chagas (2018) apresenta dados históricos que apontam mudança significativa no cenário do pastorado feminino em determinadas tradições religiosas. Segundo o autor, estudos com base em dados censitários já indicavam, na década de 1960, a baixa presença feminina no clero dos Estados Unidos; entretanto, a ordenação de mulheres cresceu de modo expressivo nas décadas posteriores, alcançando percentuais mais elevados em diferentes denominações. Esse fenômeno revela que a discussão não é apenas teórica, mas também pastoral, eclesiológica e institucional.

Nesse contexto, torna-se necessário examinar cuidadosamente as influências contemporâneas à luz das Escrituras. Em 1 Tessalonicenses 5.21, Paulo exorta: “Julgai todas as coisas, retende o que é bom”. Assim, o debate sobre homem e mulher no contexto eclesiástico exige avaliação criteriosa, fidelidade bíblica e discernimento teológico. Para parte da tradição cristã, a Bíblia apresenta distinções entre homem e mulher não apenas em termos biológicos, mas também em relação a funções e responsabilidades. Em documento da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, por exemplo, argumenta-se que a distinção entre os sexos, conforme a ordem da criação, inclui papéis complementares e não intercambiáveis (IELB, 2022).

A problemática central deste estudo é a seguinte: existem fundamentos bíblicos claros e consistentes que justifiquem o pastorado feminino? A hipótese norteadora sustenta que determinadas interpretações e aplicações de textos bíblicos utilizadas em defesa da ordenação

feminina podem estar sendo feitas de maneira inadequada, parcial ou descontextualizada. Por isso, o estudo propõe investigar a exegese e a hermenêutica de passagens frequentemente mobilizadas nesse debate, a fim de avaliar se tais interpretações encontram sustentação sólida nas Escrituras ou se demandam reavaliação à luz do conjunto da revelação bíblica.

O objetivo geral deste trabalho é investigar a fundamentação bíblica para a prática do pastorado feminino, analisando os principais argumentos teológicos e hermenêuticos relacionados ao tema. Como objetivos específicos, pretende-se: analisar as propostas complementarista e igualitarista a respeito dos papéis de homens e mulheres na liderança eclesiástica; investigar as influências do movimento feminista na teologia contemporânea, especialmente no que se refere à aceitação do pastorado feminino em algumas denominações; e avaliar os principais textos bíblicos utilizados para justificar essa prática.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão dos fundamentos teológicos e práticos que sustentam a ordenação de mulheres ao ministério pastoral, especialmente a partir de uma leitura complementarista. Além do interesse acadêmico, o tema possui relevância pastoral e eclesiástica, alcançando líderes, educadores, estudantes e comunidades religiosas interessadas em compreender a antropologia e a eclesiologia bíblicas no que tange à distinção de papéis entre homem e mulher.

A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica, adequada à natureza teórica da investigação. Essa abordagem permite explorar diferentes perspectivas teológicas, históricas e sociais relacionadas ao tema, bem como examinar a exegese de textos bíblicos frequentemente citados na defesa ou na rejeição do pastorado feminino.

## **2 INTERPRETAÇÃO IGUALITARISTA DO HOMEM E DA MULHER**

A perspectiva igualitarista parte da premissa de que homem e mulher compartilham a mesma dignidade, o mesmo valor e a mesma autoridade no propósito criacional de Deus. Nessa leitura, distinções biológicas não implicam hierarquia funcional ou restrição ministerial. Por isso, os igualitaristas costumam perguntar: homem e mulher são realmente diferentes em termos de autoridade? A submissão feminina decorre da criação ou da queda? O problema está na Bíblia ou em leituras historicamente marcadas por pressupostos patriarcais? Tais questões orientam a construção hermenêutica dessa vertente.

## 2.1 Autoridade igualitária

Em Gênesis 1, o relato da criação enfatiza a soberania divina sobre todas as coisas. Em Gênesis 1.26, lê-se: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio...”. Nessa passagem, o termo hebraico *'ādām* pode ser compreendido como referência à humanidade, abrangendo homem e mulher (GUSSO, 2021; KIRST et al., 1987). Com base nisso, a leitura igualitarista entende que a imagem de Deus é atribuída conjuntamente a ambos.

Em Gênesis 1.27, o texto afirma: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Para os igualitaristas, essa formulação indica igualdade essencial e ausência de hierarquia ontológica entre os sexos. Bräumer (2016) ressalta que somente o ser humano é criado diretamente por Deus e somente ele é apresentado como imagem e correspondência de Deus, o que reforça a dignidade comum de homem e mulher. Nessa perspectiva, a representação da humanidade não se limita a Adão como indivíduo masculino, mas inclui o par humano.

Gênesis 1.28 reforça esse entendimento ao declarar que Deus abençoou ambos e lhes confiou conjuntamente a tarefa de frutificar, multiplicar-se, encher a terra e dominá-la. A leitura igualitarista sustenta que a responsabilidade cultural foi concedida ao homem e à mulher de forma compartilhada. Assim, a autoridade sobre a criação não seria um privilégio masculino, mas um mandato humano comum.

No relato de Gênesis 2, os igualitaristas reconhecem que a mulher é criada como auxiliadora idônea. Entretanto, argumentam que o termo hebraico *'ēzer* não significa subordinação servil, mas auxílio correspondente, cooperação adequada e parceria funcional (KIRST et al., 1987). Assim, a mulher não é vista como subordinada ao homem, mas como alguém que lhe corresponde de modo pleno e participa com ele do cuidado da criação.

## 2.2 Os efeitos da queda no relacionamento: conflitos e mudança de papéis

Na leitura igualitarista, Gênesis 3 representa um ponto de inflexão no relacionamento entre homem e mulher. Antes da queda, entende-se que ambos desfrutavam de relação harmoniosa e corresponsável; depois da transgressão, surgem tensões, rupturas e assimetrias. Em Gênesis 3.16, ao dizer à mulher “o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”, o texto seria descritivo das consequências do pecado, não prescritivo de uma ordem normativa para todos os tempos.

Santos (2020) sustenta que, se a subordinação feminina passa a aparecer como efeito da queda, então não pode ser compreendida como ideal original da criação. Payne (2015), citado no

texto-base, segue linha semelhante ao afirmar que o governo do homem sobre a mulher deve ser visto como resultado do pecado e não como padrão anterior à queda.

Ainda nessa perspectiva, Gálatas 3.28 é frequentemente mobilizado como texto-chave: “Não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Para os igualitaristas, a obra redentora de Cristo restaura relações marcadas pela ruptura e reafirma a igualdade dos crentes no corpo de Cristo. Efésios 5.21 também é interpretado como expressão de mutualidade: “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”. Desse modo, a submissão seria recíproca, e não unilateral.

### **3 INTERPRETAÇÃO COMPLEMENTARISTA DO HOMEM E DA MULHER**

A cosmovisão complementarista afirma que homem e mulher possuem igual dignidade e valor diante de Deus, pois ambos foram criados à sua imagem. Contudo, sustenta também que existe distinção de papéis no propósito divino para a família e para a igreja. Tal distinção não implica superioridade masculina nem inferioridade feminina, mas complementaridade funcional. Para essa vertente, a ordem da criação constitui elemento central na compreensão do tema.

#### **3.1 Homem e mulher são à imagem de Deus**

Gênesis 1.27 declara que Deus criou o ser humano à sua imagem: “homem e mulher os criou”. O termo ’ādām, nesse contexto, designa a humanidade, o gênero humano em sua totalidade (GUSSO, 2021). Assim, a perspectiva complementarista reconhece, em plena consonância com a igualitarista, que homem e mulher compartilham a mesma dignidade ontológica, o mesmo valor pessoal e a mesma condição de portadores da imagem divina.

Grudem (1999) argumenta que o fato de homens e mulheres serem igualmente imagem de Deus exclui qualquer sentimento de orgulho ou inferioridade, bem como a ideia de que um sexo seja melhor ou pior do que o outro. Essa igualdade essencial, porém, não elimina a possibilidade de distinções funcionais estabelecidas pelo próprio Criador. Nessa linha, a igualdade de valor não deve ser confundida com identidade de função.

A relação entre Gênesis 1 e Gênesis 2 é, portanto, fundamental. O primeiro capítulo apresenta a humanidade como ápice da criação e enfatiza o caráter teológico do ser humano como imagem de Deus. O segundo capítulo, por sua vez, desenvolve de modo mais específico a formação

do homem e da mulher, bem como a dinâmica relacional entre ambos. Não se trata de relatos contraditórios, mas de narrativas complementares.

### **3.2 Evidências dos papéis diferentes entre homem e mulher antes da queda**

Na leitura complementarista, a ordem da criação possui valor interpretativo. O homem é criado primeiro (Gn 2.7), recebe a incumbência de cultivar e guardar o jardim (Gn 2.15) e recebe diretamente o mandamento divino quanto à árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16-17), antes mesmo da criação da mulher. Para os complementaristas, esse dado sugere uma responsabilidade pactual e representativa peculiar atribuída ao homem.

Grudem (1999) relaciona esse dado ao princípio da primogenitura presente no Antigo Testamento, entendendo que a criação primeira de Adão é compatível com um padrão de liderança. O argumento é reforçado pela referência paulina em 1 Timóteo 2.13: “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva”. Nessa perspectiva, Paulo não trata de superioridade ontológica, mas de ordem e função.

Outro ponto frequentemente destacado é o ato de nomeação. Em Gênesis 2.19-20, Adão nomeia os animais; posteriormente, também identifica a mulher como “varoa”, pois do varão foi tomada (Gn 2.23). Waltke (2003) observa que, no contexto antigo, dar nome frequentemente expressava autoridade, governo e responsabilidade. Assim, o ato de nomear é interpretado como evidência de liderança representativa.

A mulher, por sua vez, é criada como auxiliadora idônea. A expressão não indica menor valor, mas função correspondente e complementar. O comentário clássico de Matthew Henry (2002), amplamente citado em obras cristãs, resume essa compreensão ao afirmar que a mulher não foi feita da cabeça do homem para dominá-lo, nem dos pés para ser pisada por ele, mas do lado para ser sua companheira, debaixo do braço para ser protegida e perto do coração para ser amada. Embora a formulação seja devocional e não exegética em sentido estrito, ela expressa bem a ideia complementarista de igualdade pessoal com diferenciação funcional.

### **3.3 Os efeitos da queda no relacionamento: conflitos, e não mudança de papéis**

Para a cosmovisão complementarista, a queda não cria os papéis de homem e mulher, mas distorce o modo como esses papéis são vividos. Em outras palavras, a liderança masculina e a função auxiliadora feminina já estariam presentes na criação; o pecado introduz, então, conflito, abuso, rivalidade e desarmonia no relacionamento.

Em Gênesis 3.16, a declaração “o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” é entendida, nessa leitura, como descrição da tensão pós-queda. O desejo da mulher é interpretado por alguns autores como inclinação à disputa, enquanto o governo do homem passa a manifestar-se de forma distorcida e opressiva. Anglada (2013) argumenta que a consequência da queda não consiste em criar papéis inéditos, mas em corromper o relacionamento matrimonial, tornando-o conflituoso.

A comparação com Gênesis 4.7 é frequentemente utilizada para sustentar essa leitura, já que ali aparece construção semelhante em relação ao pecado: “o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”. A aproximação lexical entre os textos leva alguns intérpretes a entender que, em Gênesis 3.16, o sentido é de tensão relacional e disputa, e não de mera afeição conjugal. Ainda assim, é preciso cautela para não absolutizar uma única solução exegética, pois o debate permanece aberto em parte da literatura especializada.

No Novo Testamento, os complementaristas veem reafirmação da ordem criacional em textos como Efésios 5.22-25, Colossenses 3.18-19, Tito 2.5 e 1 Pedro 3.1-7. Nessas passagens, a submissão da esposa ao marido aparece ligada ao amor sacrificial do marido por sua esposa. O padrão proposto não é de dominação abusiva, mas de liderança responsável, amorosa e cristocêntrica. Assim, Cristo não aboliria a ordem da criação, mas redimiria o relacionamento entre homem e mulher, restaurando-o à intenção divina original.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O debate entre complementarismo e igualitarismo demonstra a complexidade da interpretação bíblica acerca dos papéis do homem e da mulher. Ambas as perspectivas partem do reconhecimento de que homem e mulher foram criados à imagem de Deus e, por isso, possuem igual dignidade e valor. A divergência central, contudo, encontra-se na compreensão da ordem da criação, da natureza da queda e das implicações desses elementos para a vida da igreja e da família.

A leitura igualitarista enfatiza a autoridade compartilhada na criação, entende a subordinação como consequência do pecado e interpreta a redenção em Cristo como restauração da mutualidade plena entre homem e mulher, inclusive no exercício ministerial. Já a leitura complementarista sustenta que há distinções funcionais estabelecidas desde a criação, sem prejuízo da igualdade ontológica, e que a queda introduz distorção e conflito, mas não altera a estrutura básica dos papéis designados por Deus.

A análise realizada permite concluir que o debate exige rigor exegético, responsabilidade hermenêutica e cuidado com generalizações. Não se trata apenas de reproduzir posicionamentos eclesiais já consolidados, mas de examinar com seriedade o testemunho bíblico, o contexto das passagens e a coerência do argumento teológico. Assim, qualquer defesa ou rejeição do pastorado feminino deve estar ancorada em leitura ampla, contextualizada e intelectualmente honesta das Escrituras.

## REFERÊNCIAS

- ANGLADA, Paulo. **Imago Dei**: antropologia reformada. Ananindeua, PA: Knox, 2013.
- BARACY, Vik Zalewski. **Mulher pode ser pastora?**: uma defesa bíblica da ordenação feminina. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. [S. l.]: Life.Church, [s. d.]. Disponível em: <https://bible.com/bible>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- BRÄUMER, Hansjörg. **Gênesis I**: comentário Esperança. Tradução de Doris Körber. Curitiba: Esperança, 2016.
- CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo**: perversão e subversão. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.
- CHAGAS, Tiago. **Estudo mostra crescimento meteórico do número de mulheres ordenadas ao ministério pastoral**. Notícias Gospel, 24 out. 2018. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com/mulheres-ministerio-estudo-numeros-crescimento-103789.html>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- FIGUEIREDO, Vinícius. **Gramática on-line**: classes gramaticais – preposição. [S. l.], 2014. Disponível em: [http://www.novagramaticaonline.com/2014/12/gramatica-online-classes-gramaticais\\_69.html](http://www.novagramaticaonline.com/2014/12/gramatica-online-classes-gramaticais_69.html). Acesso em: 5 set. 2024.
- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento**: grego-português. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GOUGES, Olympe de. **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos**. Brasília: Edições Câmara, 2021.
- GRUDEM, Wayne. **Confrontando o feminismo evangélico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- Sapientia**: estudos de teologia e espiritualidade (ISSN: 2965-5943), Belém, v. 3, n. 1, jan.-jul., 2025

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental hebraico**. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2021.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOLLADAY, William H. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

IELB. Igreja Evangélica Luterana do Brasil. **Ordenação de mulheres para o ministério pastoral**. Porto Alegre, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/691298642/Ordenacao-de-Mulheres-No-Ministerio-Pastoral>. Acesso em: 1 jan. 2025.

INSAURRIAGA, Marina Mirapalheta; JARDIM, Rejane Barreto. Entre textos e imagens: ensino de história e abordagem generificada dos livros didáticos dos anos noventa e dois mil do acervo do LEH/UFPEL. **Aedos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/57011/34349>. Acesso em: 26 mar. 2025.

KIRST, Nelson et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

LOPES, Augustus Nicodemus. Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer? **Fides Reformata**, v. 2, n. 1, 1997. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user\\_upload/4\\_Ordenacao\\_Feminina\\_Augustus\\_Nicodemus.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/4_Ordenacao_Feminina_Augustus_Nicodemus.pdf). Acesso em: 26 mar. 2025.

LOPES, Hernandes Dias. **1 Timóteo**: o pastor, sua vida e sua obra. São Paulo: Hagnos, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. **Efésios**: a igreja, a noiva gloriosa de Cristo. São Paulo: Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. **I Coríntios**: como resolver conflitos na igreja. São Paulo: Hagnos, 2008.

LOWTH, Robert. **Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews**. London: Crocker & Brewster; J. Leavitt, 1829.

MOULTON, Harold K. **Léxico grego analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

NUNES, José. O movimento feminista enquanto projeto de emancipação para o pastorado feminino. **Anais Dos Simpósios Da ABHR**, São Luís, v. 13., 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/519>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PAYNE, Philip B. **Homem e mulher, um em Cristo**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

**Sapientia**: estudos de teologia e espiritualidade (ISSN: 2965-5943), Belém, v. 3, n. 1, jan.-jul., 2025

PRIOR, David. **A mensagem de 1 Coríntios**. São Paulo: ABU, 1993.

SANTOS, Everton Edvaldo Fonseca dos. **As bases bíblicas do pastorado feminino**. 2. ed. Recife, 2020.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; ROSSINI RAMOS, Giovana Benedita Jaber. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948/pdf>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SOUTER, Alexander. **A pocket lexicon to the Greek New Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1917.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus**. 6. ed. São Paulo: ABU Editora, 2001.

TABORDA, F. S. J. Feminismo e teologia feminista no Primeiro Mundo: breve panorâmica para uma primeira informação. **Perspectiva Teológica**, n. 22, 1990. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1349/1741>. Acesso em: 26 mar. 2025.

TAMEZ, Elsa. **1 Timoteo: ¡qué problema!**. Revista Pasos, n. 97, ago. 2005.

WALTKE, Bruce K. **Comentário do Antigo Testamento: Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.